

AS PRÁTICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO AUXILIANDO NA INICIAÇÃO TEATRAL E NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DRAMATÚRGICA NA ESCOLA

EDUARDA PEREIRA¹; GABRIEL DOS SANTOS FALKENBERG²;
MATHEUS GOULART ALVES³; MARIA AMELIA GIMMLER NETTO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas - dudapereira2407@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - matheusninogoulart@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - falkenberggabriel61@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - mamelianetto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os processos e resultados até então alcançados pelo trio de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Núcleo de Artes Cênicas que atua na Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello. O trio é supervisionado pela professora Luana Franz e trabalha com as abordagens pedagógicas do teatrólogo Augusto Boal e da diretora teatral e Viola Spolin, como meio de iniciar jovens estudantes do ensino médio na linguagem teatral, com ênfase nos processos práticos de improvisação e criação dramatúrgica.

2. METODOLOGIA

Antes de partirmos para o relato de experiência de sala de aula é necessário ressaltar que foram realizados previamente grupos de estudos com materiais de apoio e posterior realização de seminários para estimular o debate e a reflexão. Ressaltamos o estudo de Paulo Freire, com o livro "Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa" em que, no primeiro capítulo é destacado que ao ato de ensinar é necessário o reconhecimento e o assumir da identidade cultural de educandos e educadores. Usamos esse aprendizado e a nossa experiência no Curso para basear nossas ações futuras na escola. Em seguida foi feita a divisão do núcleo por grupos baseado no Curso de origem do estudante e na disposição de horários de cada professor supervisor e de cada bolsista, pois o Núcleo de Artes Cênicas do PIBID contava inicialmente com ações em duas escolas, uma voltada para o ensino de Dança e outra voltada para o ensino de teatro nos eixos curriculares.

O início das ações dos bolsistas nas escolas foi em abril de 2023. Definido isto foi feita uma visita guiada para ter um contato com a escola e a comunidade escolar. Na escola Sylvia Mello atuamos com duas turmas de ensino médio, 1003 (primeiro ano) e 2012 (segundo ano), com uma média de dez a quinze alunos por turma e ambas possuíam dois períodos na quarta-feira à tarde nas disciplinas eletivas de Protagonismo Juvenil e Cultura Juvenil do currículo do "Novo Ensino Médio". Nesses primeiros momentos ainda não tínhamos pensado sobre objetivos que queríamos atingir naquele trimestre, então para nos dar uma direção e conhecer melhor com quem iríamos trabalhar, elaboramos perguntas para uma avaliação diagnóstica da área, com questões criadas por toda equipe do Núcleo de Artes Cênicas, com as duas

turmas. Daremos foco aqui ao trabalho desenvolvido junto a turma 1003 pois foi com ela que mais tivemos contato até agora.

Durante o processo da aula aplicamos algumas técnicas de Teatro do Oprimido de Augusto Boal que defendia a prática teatral como um potencial para dar uma autonomia ao indivíduo, desafiando as estruturas de poder impostas socialmente, além de estimular a participação ativa dos cidadãos nas transformações da sociedade. Outra autora que nos auxiliou no processo de criação das aulas foi a diretora teatral Viola Spolin com sua proposta de sistema de jogos teatrais que enfatiza que o aprendizado se dá por meio da experimentação e ação prática da improvisação cênica.

Uma das leituras realizadas nos grupos de estudo do Núcleo de Arte Cênicas foi o livro da professora e pesquisadora bell hooks (1952-2021), “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”, onde ela fala sobre suas experiências como aluna, educadora e pesquisadora em salas de aulas nos Estados Unidos e compartilha sua visão de como deveria ser a prática docente libertadora e dialogável. Ela diz “[.]. Eu nunca quisera abandonar a convicção de que é possível dar aula sem reforçar os sistemas de dominação existentes. Precisava ter certeza de que os professores não têm de ser tiranos”. (hooks, 2013, p. 32). Esse pensamento nos acompanha nas primeiras tentativas de lecionar e lidar com as situações que se apresentam na escola.

Nos primeiros contatos com as turmas estabelecemos dinâmicas e jogos introdutórios do campo do teatro que envolviam a lógica da entrega para a ação, das possibilidades de percepção do ambiente e do que acontece de momento a momento, além da escuta de si e dos companheiros de cena. Atividades simples como, a caminhada pelo espaço com e sem comandos de ações dados pelos professores, como por exemplo, pulos altos, perseguição entre colegas, entre outros exercícios foram realizados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos abaixo alguns dos resultados obtidos com a avaliação diagnóstica da área das artes cênicas que realizamos com a turma 1003:

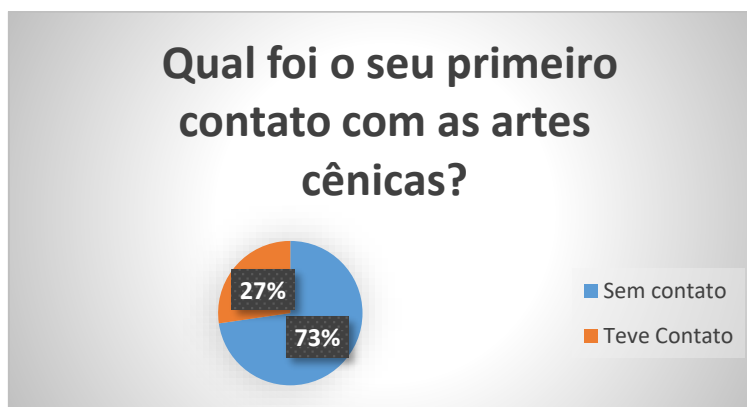


Figura 1



Figura 2

Após análise dos gráficos e breve observação nas turmas, notamos uma leve resistência às práticas que envolviam maior entrega física, emocional e mental, o que é exigido pelos jogos improvisacionais do teatro. Observamos, também, que seria preciso nosso trio dialogar e buscar nos artefatos culturais conhecidos pelos estudantes, fontes que nos possibilitassem apresentar para eles os elementos da linguagem teatral. Fizemos isso a partir de noções sobre as artes cênicas que são trazidas aos jovens pelas grandes mídias, como a televisão e as redes sociais.

Augusto Boal dizia que “(...) eu creio que o teatro não é revolucionário em si mesmo, mas certamente pode ser um excelente “ensaio” da revolução. O espectador liberado, um homem íntegro, se lança a uma ação! Não importa que seja fictícia: importa que é uma ação.” (BOAL, 1991, p.126). Com este pensamento de Boal, agregado a alguns debates realizados durante as reuniões de núcleo e somado às rodas de conversas realizadas com os estudantes ao longo das aulas na escola, percebemos que a melhor forma de introduzir aos alunos a linguagem teatral seria por meio do Teatro do Oprimido. Para isso usamos as técnicas de Teatro-Imagem e Teatro-Fórum com o objetivo de inserir os alunos em cena de uma forma que aproximasse a experiência de suas vivências e assuntos do dia a dia. Nesse momento também participamos dos jogos junto aos alunos para deixá-los mais confortáveis com o processo, dando exemplo e nos colocando em risco criativo também, além de mostrar vídeos de apoio como o documentário “Augusto Boal e o Teatro do Oprimido”.

Com os alunos mais acostumados com a nossa presença na escola e abertos ao trabalho com o teatro, começamos a trazer os jogos improvisacionais. E então, a referência que escolhemos foi o sistema de jogos de Viola Spolin para trabalhar a criação imagética e desenvolver noções básicas de criação de cenas improvisadas com base nas perguntas: O que? Quando? Onde? Dentro desse processo de criar improvisações cênicas também estabelecemos a noção de conflito para eles. Spolin traz a seguinte reflexão “todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco”. (Spolin, 2010, 3.p). A partir disso trouxemos um jogo chamado “construindo histórias”, nele os alunos escrevem palavras aleatórias (ações, sentimentos, objetos...) e fazem um sorteio para montar a sua história.

Foi nesse momento que percebemos como os alunos pareciam interessados em criar algo – não só em atuar – mas em externalizar suas experiências, seus pensamentos e vontades. Foi na mesma época em que a professora supervisora Luana Franz começou a passar noções básicas de uma estrutura dramatúrgica para

a turma, então começamos a investir nessa linha criação para aproveitar o que os alunos viam na parte teórica e botar em prática.

Até o presente momento, o único material que temos para considerar um resultado são estruturas iniciais de textos criados em improvisações pela turma e algumas cenas, que são uma iniciativa de criação da própria turma sobre o processo.

4. CONCLUSÕES

As inovações percebidas após o decorrer das aulas para o trio de bolsistas foi que é essencial compreender tanto o conteúdo quanto a dinâmica da turma para proporcionar uma educação de qualidade para os alunos. Durante o processo, utilizamos e participamos de abordagens dinâmicas para ensinar o fazer teatral e incentivar a consciência social, visando promover a interação entre os alunos, bem como seu envolvimento ativo na sala de aula.

Nossa experiência anterior e posterior ao trabalho aqui descrito nos permitiu compreender a importância de conhecer a turma e seus alunos e procurar relacionar o conteúdo das aulas com a realidade dos estudantes da escola e a notável evolução participativa e crítica que tiveram. É importante ressaltar que o ensino e a aprendizagem em sala de aula não são atividades unilaterais, mas sim um esforço coletivo. Até o presente momento aprendemos a gerir melhor nosso tempo em sala de aula, a fim de executar um número confortável de atividades que possam obter início, meio e fim dentro do curto período da aula; além de permitir através da escrita o registro das atividades desenvolvidas estimulando a reflexão em relação aos conteúdos abordados pelos alunos após aula. A turma em questão também apresentou expressiva evolução no processo de criação dramatúrgica proposta por nós professores, demonstrando criatividade e coerência na estruturação de suas histórias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Civilização Brasileira S.A, 1991.

Hooks, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo, 1996.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. Editora Perspectiva. 1987

YOUTUBE. 9 de agosto de 2022. **Documentário Augusto Boal e Teatro do Oprimido**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=VE48YJ767kQ&t=1033s>>